

Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada

João Canavilhas
Universidade da Beira Interior

Índice

1	Introdução	2
2	Técnicas de redacção	4
3	Amostra e Metodologia	8
4	Resultados	9
5	Conclusão	10
6	Bibliografia	16

Resumo

Falar de jornalismo é falar da pirâmide invertida, uma técnica de redacção fundamental, mas que tem levantado grandes polémicas nos meios profissional e académico. Esta polémica renovou-se com o aparecimento do jornalismo na Internet, pois alguns dos pressupostos que levaram os jornalistas a adoptar técnica de redacção deixam de fazer sentido devido às características da web. Desde logo porque o espaço disponível num webjornal deixa de ser finito, anulando a necessidade de escrever condicionado pela possibilidade do editor poder efectuar cortes no texto para o encaixar num determinado espaço. Por outro lado, o hipertexto permite ao utilizador definir os percursos de leitura em função dos seus interesses pessoais pelo que a redacção da notícia deve ter em conta esse factor.

Recorrendo à técnica da pirâmide invertida, o jornalista organiza a notícia colocando a informação mais importante no início e o menos importante do final, pelo que o leitor apenas pode efectuar a leitura seguindo o roteiro definido pelo jornalista.

E o que farão os leitores se essa notícia for dividida em vários blocos de texto ligados através de links?

Para observar os percursos de leitura de notícias na web, organizou-se uma experiência onde se convidavam os leitores a efectuarem a leitura de uma notícia constituída por vários blocos de informação ligados através de hipertexto. A análise dos dados permite concluir que existem diferentes padrões de leitura que deixam antever a necessidade de adoptar um novo paradigma na organização de informação de cariz jornalístico.

1 Introdução

O desenvolvimento dos meios de comunicação social está intimamente relacionado com os avanços que ocorreram nos métodos de difusão. A imprensa norte-americana, por exemplo, registou um período de franco desenvolvimento em paralelo com o crescimento dos caminhos-de-ferro norte-americanos, pois desta forma os jornais puderam aumentar de forma substancial a sua área de influência. Aconteceu o mesmo com a rádio e a televisão: graças aos avanços técnicos na distribuição do sinal, estes meios conseguiram a cobertura total dos respectivos países por via hertziana e, mais recentemente, uma dimensão global graças aos satélites.

Tal como aconteceu nos meios tradicionais, o desenvolvimento do webjornalismo também está umbilicalmente ligado aos processos de aperfeiçoamento da sua difusão. A identificação de uma linguagem que tire partido das características oferecidas pelo meio, por exemplo, tem sido condicionada pela instabilidade resultante do rápido desenvolvimento das tecnologias de acesso e pelo desequilíbrio geográfico que se verifica no campo do acesso à Internet.

De acordo com a Internet World Stats¹, em Novembro de 2005 existiam cerca de 972 milhões de utilizadores de Internet no mundo. Porém, a taxa de penetração² é ainda muito baixa (15,2%) e, sobretudo, bastante desequilibrada. Enquanto América do Norte (68%) e Oceânia (52,9%) apresentam taxas interessantes, outras regiões como a América Latina (13,3%), a Ásia (9,2%) e a África (2,7%) têm ainda taxas de penetração bastante reduzidas.

No caso de Portugal³, o número de ligações tem aumentado a um ritmo muito interessante, porém este crescimento acontece fundamentalmente nas ligações de baixa velocidade do tipo *dial-up*. Se em 1998 existiam em Portugal 172.698 utilizadores, no ano de 2005 eram já 5.593.770, mas apenas 19% dispunham de uma ligação em banda larga. Estes números apontam para uma taxa de penetração de 10,2%, um valor que coloca Portugal ligeiramente abaixo da média da União Europeia, mas à frente de países como a Alemanha, a Espanha ou a Itália, por exemplo.

Embora o número de utilizadores em todo o mundo tenha atingido uma dimensão interessante, o ritmo de crescimento da banda larga condiciona o tipo de conteúdos oferecidos pelo jornalismo que se faz na web. Naturalmente, as publicações apostaram nas notícias baseadas em texto verbal escrito, já que o *download* das páginas é relativamente rápido mesmo para acessos de baixa velocidade. É por isso que o texto continua a ser o elemento mais usado no jornalismo que se faz na web, mas este não é o único motivo para que tal se verifique.

No final da década de 80, a edição electrónica já se tinha generalizado entre a imprensa escrita. Um pouco por todo o mundo, os jornais começaram a investir em informática e em softwares de

¹<http://www.internetworldstats.com/stats.htm>

²Fórmula de cálculo: (Número total de clientes) / (população total)

³Informação retirada de Serviços de Transmissão de Dados/Serviço de Acesso à Internet – 2º trimestre de 2003 (http://www.icp.pt/template12_print.jsp?categoryId=6247) e Informação Estatística dos Serviços de Transmissão de Dados da Anacom (<http://www.anacom.pt/template12.jsp?categoryId=161942>)

edição que lhes permitiam trabalhar de uma forma mais rápida e permitindo um fecho de edição mais tardio. Por isso, no momento em que ocorre o grande *boom* da Internet, os jornais já tinham as suas notícias digitalizadas pelo que, quase sem custos adicionais, avançaram para edições online (Edo, 2002, 103), disponibilizando as mesmas notícias da versão impressa.

Para além das questões de cariz técnico, as dificuldades económicas também têm colocado alguns entraves ao desenvolvimento do webjornalismo. As estatísticas apresentadas na página anterior permitem concluir que as taxas de penetração mais altas coincidem com os países mais desenvolvidos, porém, as questões de ordem económica não se resumem à infra-estrutura de distribuição, nem ao número de equipamentos de acesso, pois embora sejam dados importantes, situam-se ambos no lado da recepção. No sector da emissão, as dificuldades inerentes à viabilização económica dos meios online levou as empresas a recorrerem aos conteúdos já existentes e o elemento comum aos vários meios - imprensa escrita, rádio e televisão - é o texto que serve de base às notícias. Desta forma, foi com alguma naturalidade que o jornalismo na web se desenvolveu num modelo muito semelhante ao do jornalismo escrito, adoptando as mesmas técnicas de redacção usadas na imprensa escrita.

2 Técnicas de redacção

Desde sempre, as técnicas de redacção jornalística ocuparam um lugar de destaque nos cursos superiores de jornalismo. No terceiro quartel do século XIX, os Estados Unidos iniciavam os cursos superiores de jornalismo, enfatizando o treino da escrita e da paginação⁴. O desenvolvimento posterior virá a conduzir o jornalismo para o campo das Ciências Sociais, tendo sido criado um campo de investigação próprio: as Ciências da Comunicação.

Arrumada a discussão académica, persiste a polémica em torno do acesso à profissão. O Brasil, por exemplo, discutiu recente-

⁴Traquina, Nelson (2002) *Jornalismo*, Lisboa: Quimera

mente esta questão, tendo permanecido a obrigatoriedade da licenciatura para aceder ao jornalismo. Já no caso português é possível ter a carteira profissional apenas com o ensino secundário completo, seguido de um período de estágio. Apesar disso, o número de licenciaturas em jornalismo tem crescido rapidamente em Portugal, com algumas mais viradas para a componente prática e outras a preferirem uma sólida formação teórica nas áreas de ciências sociais. A opção por uma ou outra via pode observar-se nos currículos oferecidos pelas escolas de jornalismo, mas uma análise atenta permite encontrar um ponto em comum: a existência de conteúdos relacionados com as técnicas de redacção.

De uma forma geral, os programas da disciplina de técnicas de redacção jornalística referem que se trata de uma introdução teórico-prática às escritas linguagens, estilos e géneros jornalísticos, matérias onde a pirâmide invertida é referenciada como uma das técnicas fundamentais no jornalismo escrito.

A técnica da pirâmide invertida pode resumir-se em poucas palavras: a redacção de uma notícia começa pelos dados mais importantes – a resposta às perguntas O quê, quem, onde, como, quando e por quê – seguido de informações complementares organizadas em blocos decrescentes de interesse.

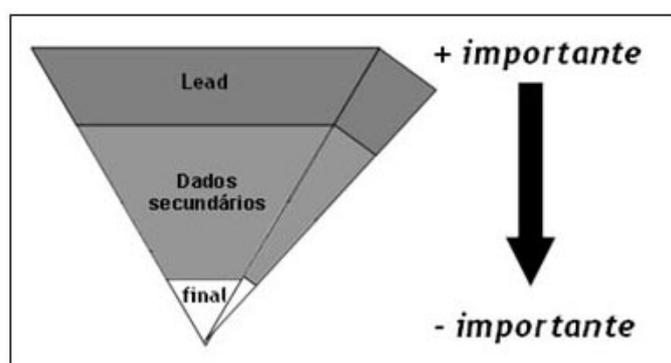


Figura 1

Esta arquitectura noticiosa nasceu durante a Guerra da Secessão, nos Estados Unidos da América. O telégrafo, a grande inovação técnica daquela época, possibilitava aos jornalistas o envio diário das suas crónicas de guerra. Porém, esta tecnologia ainda não tinha uma grande fiabilidade técnica e, pior do que isso, os postes que suportavam os fios do telégrafo eram um alvo muito apetecido para as tropas, pelo que o sistema estava muitas vezes inoperante. Para assegurar iguais condições de envio, jornalistas e operadores de telégrafo estabeleceram uma regra de funcionamento que não prejudicasse o trabalho dos profissionais da informação: cada jornalista enviaria o primeiro parágrafo do seu texto e, após uma primeira ronda, iniciava-se uma outra volta para que todos enviassem o segundo parágrafo do texto. (Fontcuberta, 1999, 58 e ss).

Esta regra de funcionamento obrigou os jornalistas a alterarem a técnica de redacção mais utilizada até então. Em lugar do habitual relato cronológico dos acontecimentos, os jornalistas passaram a organizar os factos por valor noticioso, colocando os dados mais importantes no início do texto e garantindo assim a chegada dos dados essenciais aos seus jornais. A técnica viria a ser baptizada como Pirâmide Invertida por Edwin L. Shuman no seu livro *Practical Journalism*, (Salaverria, Ramón, 2005, 109), tornando-se numa das regras mais conhecidas no meio jornalístico.

Apesar da eficácia na transmissão rápida e sucinta de notícias, a aplicação desta técnica tende a transformar o trabalho jornalístico numa rotina, deixando pouco campo à criatividade e tornando a leitura das notícias pouco atractiva, pelo que a importância desta técnica tem sido objecto de muitas polémicas.

Com o aparecimento do jornalismo na Web, esta discussão ganhou novo fôlego. Autores como Jacob Nielsen (1996), Rosental Alves⁵ ou José Álvarez Marcos⁶, insistem na importância da pirâmide invertida nos meios online. Outros, como Ramon Salaverria

⁵Ver entrevista efectuada por Carlos Castilho em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=311ENO002>

⁶Texto no Manual de Redacción Periodística (ver bibliografía)

(2005, 112 y ss) reconhecem a importância desta técnica nas notícias de última hora⁷, mas consideram-na uma técnica limitadora quando se fala de outros géneros jornalísticos que podem tirar partido das potencialidades do hipertexto.

Partilhamos desta última opinião, pois consideramos que a técnica em causa está intimamente ligada a um jornalismo muito limitado pelas características do suporte que utiliza – o papel. Usar a técnica da pirâmide invertida na web é cercear o webjornalismo de uma das suas potencialidades mais interessantes: a adopção de uma arquitectura noticiosa aberta e de livre navegação.

Nas edições em papel o espaço é finito e, como tal, toda a organização informativa segue um modelo que procura rentabilizar a mancha disponível. O jornalista recorre a técnicas que procuram encontrar o equilíbrio perfeito entre o que se pretende dizer e o espaço disponível para o fazer, pelo que o recurso à pirâmide invertida faz todo o sentido. O editor pode sempre cortar um dos últimos parágrafos sem correr o risco de cortar o sentido à notícia.

Nas edições online o espaço é tendencialmente infinito. Podem fazer-se cortes por razões estilísticas, mas não por questões espaciais. Em lugar de uma notícia fechada entre as quatro margens de uma página, o jornalista pode oferecer novos horizontes imediatos de leitura através de ligações entre pequenos textos e outros elementos multimédia organizados em camadas de informação.

Esta proposta não é inovadora, nem se aplica exclusivamente ao jornalismo. Autores como Robert Darnton⁸ (1999) salientam a importância do hipertexto nas publicações académicas, por exemplo. Este investigador salienta as potencialidades do ambiente web como alternativa para as publicações que não encontram espaço no papel. Porém, Darnton avisa que publicar na web implica uma nova arquitectura e propõe uma estrutura piramidal por ca-

⁷Ver comentario en <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=311ENO003>

⁸<http://www.nybooks.com/articles/546>

madras. A arquitectura sugerida pelo autor evolui em seis camadas de informação: uma primeira com o resumo do assunto; uma segunda com versões alargadas de alguns dos elementos dominantes, mas organizadas como elementos autónomos; um terceiro nível de informação com mais documentação de vários tipos sobre o assunto em análise; um quarto nível de enquadramento, com referências a outras investigações no campo de investigação; um quinto nível pedagógico, com propostas para discussão do tema nas aulas; por fim, a sexta e última camada com as reacções dos leitores e suas discussões com o autor. “Um novo livro deste tipo daria origem a uma nova forma de leitura. Alguns leitores poderiam ficar satisfeitos com o estudo das narrativas superiores. Outros poderiam preferir uma leitura vertical, seguindo certos temas até às zonas mais profundas da documentação.” (Darnton, 1999)

Embora este modelo tenha sido proposto para documentos académicos, a sua adaptação ao jornalismo faz todo o sentido, pelo que se produziu uma notícia com uma arquitectura deste género para esta investigação.

3 Amostra e Metodologia

Preparou-se uma notícia com 10 páginas web ligadas através de links em menu e links embutidos⁹ no texto. A organização da notícia seguiu uma arquitectura por níveis de informação (fig. 2), com um texto inicial¹⁰ contendo 5 links embutidos direccionados a um segundo nível de informação. Três dos 5 textos de segundo nível incluíam um link embutido para um terceiro nível e um menu de navegação com links para todos os textos do mesmo nível ou nível anterior.

⁹Por “links embutidos” consideram-se os links colocados no próprio corpo do texto

¹⁰O texto aqui referido como “inicial” era, efectivamente, o segundo. Porém, como tinha apenas um link para “mais informações”, não foi considerado neste estudo, servindo apenas para anular analisar se os usuários estavam familiarizados com a utilização de hipertexto. Esta estratégia permitiu anular cinco leitores que não executaram nenhuma acção para além da leitura deste texto.

Os links embutidos conduziam sempre ao nível de informação seguinte.

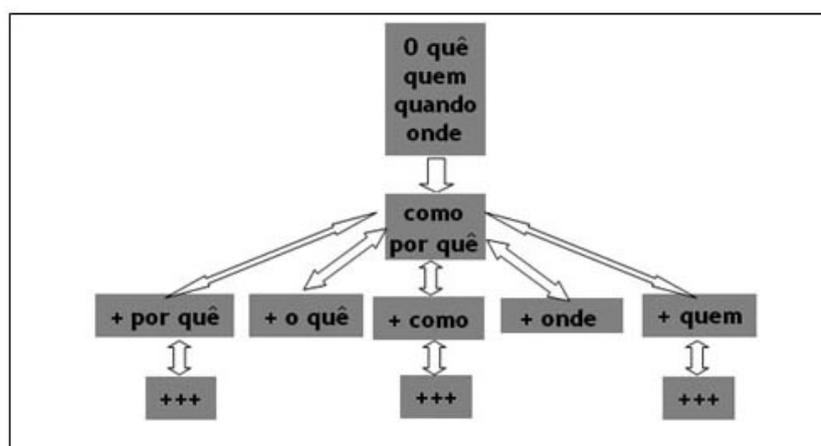


Figura 2

Aos elementos da amostra, 39 alunos da Universidade da Beira Interior, foi dito que deveriam ler a notícia da forma como o fazem habitualmente, não havendo limite de tempo para a leitura.

No computador usado para a experiência foi instalado o programa *Camtasia Studio* com o objectivo de filmar todos os movimentos efectuados com o rato e, conseqüentemente, os percursos de leitura.

4 Resultados

O tratamento dos dados permitiu retirar as seguintes conclusões:

a) 76,5% dos utilizadores passou ao segundo nível seguindo o primeiro link embutido no texto. Deste grupo, 57,7% passou para o terceiro nível da notícia, seguindo o único link embutido neste segundo texto.

No outro texto de segundo nível com enlace embutido, 67,6% dos utilizadores seguiu esse link para o terceiro nível.

b) 23 % dos leitores tem uma rotina de leitura por nível: seguem o link no local onde está inserido, regressando de seguida ao texto inicial.

c) 77% segue o seu próprio percurso de leitura: no primeiro momento em que os leitores foram confrontados com vários links (5) identificaram-se 5 percursos diferentes; no segundo passo a variedade de percursos subiu para 11 e no terceiro já existiam 22 percursos de leitura diferentes, em 55 possíveis;

d) 11,1% dos leitores seguiram um percurso de leitura idêntico, fazendo 11 passos iguais.

5 Conclusão

O trabalho de redacção implica jogar com duas variáveis: “dimensão” (quantidade de dados) e “estrutura” (arquitectura da notícia). A correcta manipulação das variáveis obriga os jornalistas a optarem pelas técnicas de redacção que mais se adequam às características do meio, dando mais importância a uma ou outra variável. Compreende-se, pois, que as prioridades do jornalista da imprensa em papel sejam diferentes das prioridades do web-jornalista: enquanto o primeiro dá primazia à dimensão do texto, recorrendo a rotinas estilísticas que permitem “encaixá-lo” no espaço definido, o segundo deve centrar a sua atenção na estrutura da notícia, uma vez que o espaço é tendencialmente ilimitado.

a) Estrutura da webnotícia

Estruturar uma notícia na web implica a produção de um guião que permita visualizar a sua arquitectura, nomeadamente a orga-

nização hierárquica dos elementos multimédia e suas ligações internas.

“A flexibilidade do meios online permite organizar as informações de acordo com as diversas estruturas hipertextuais. Cada informação, de acordo com as suas peculiaridades e os elementos multimédia disponíveis, exige uma estrutura própria.” (Salaverria, 2005, 108).

Estas estruturas podem ser lineares, reticulares ou mistas (Dias Noci y Salaverria, 2003, 125-132). No caso da estrutura linear, a mais simples, os blocos de texto estão ligados através de um ou mais eixos. O grau de liberdade de navegação é condicionado, uma vez que o leitor não pode saltar de um eixo para outro. Se existir apenas um eixo, teremos uma estrutura unilinear. Se existirem vários eixos, a estrutura passa a ser multilinear, com várias histórias contadas em diferentes eixos sem ligação entre si.

Como o próprio nome indica, uma estrutura reticular não tem eixos de desenvolvimento predefinidos: trata-se de uma rede de textos de navegação livre que deixa em aberto todas as possibilidades de leitura.

Por fim, as estruturas mistas apresentam níveis do tipo linear e outras de tipo reticular. A leitura perde algum grau de liberdade quando comparada com o modelo anterior, mas tem a vantagem de oferecer “pistas de leitura” bem definidas.

Independentemente do tipo de estrutura hipertextual, o recurso a estas arquitecturas informativas implica um afastamento em relação à pirâmide invertida. E é aqui que os investigadores divergem, pois embora quase todos defendam uma nova linguagem para o webjornalismo, muitos insistem ainda na aplicação da pirâmide invertida no webjornalismo, reforçando a lógica organizativa em que os factos mais importantes aparecem no início e os menos importantes no final da notícia.

Os dados recolhidos nesta investigação apontam noutro sentido. Apesar da notícia ter sido construída numa lógica de camadas de informação, os leitores optaram por seguir determinados

assuntos até ao limite da informação disponível, seguindo os links embutidos e saltando de nível de informação. (figura 3)

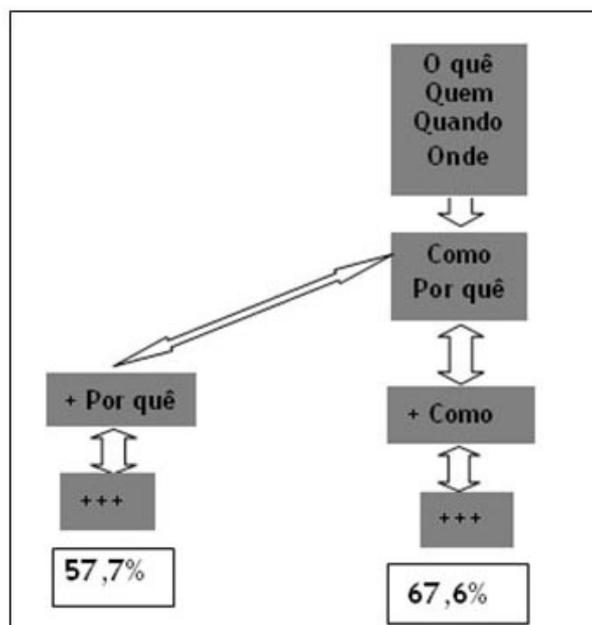


Figura 3

Este comportamento aponta no sentido das técnicas de redacção na web implicarem uma mudança de paradigma em relação ao que se verifica na imprensa escrita. Se no papel, a organização dos dados evolui de forma decrescente em relação à importância que o jornalista atribui aos dados, na web é o leitor quem define o seu próprio percurso de leitura. A técnica da pirâmide invertida, preciosa na curta informação de última hora, perde a sua eficácia em webnotícias mais desenvolvidas, por condicionar o leitor a rotinas de leitura semelhantes às da imprensa escrita.

b) Um novo paradigma

A identificação de 22 percursos de leitura diferentes logo no terceiro momento de interacção levanta uma questão importante: a

aplicação de uma técnica baseada na organização dos factos pela importância que o jornalista lhe atribui é a mais aconselhada para o jornalismo que se faz num meio interactivo?

Consideramos que não. Os dados deste estudo aconselham o webjornalismo a adoptar um paradigma diferente daquele que está subjacente à utilização da técnica da pirâmide invertida. À lógica organizativa assente na “importância” dos factos deve suceder uma outra assente na quantidade de informação oferecida aos leitores. Se o eixo vertical que vai do vértice superior à base da pirâmide invertida significa que o topo é mais importante que a base, então a pirâmide deve mudar de posição, procurando-se desta forma fugir à hierarquização da notícia em função da importância dos factos relatados. Como se viu, os dados recolhidos indiciam que a organização escolhida pelo jornalista não coincide com o interesse do leitor, pelo que a técnica da pirâmide invertida pode significar a perda de leitores, uma das razões que justificam a sua utilização no papel.

No webjornalismo, a quantidade (e variedade) de informação disponibilizada é a variável de referência, com a notícia a desenvolver-se de um nível com menos informação para sucessivos níveis de informação mais aprofundados e variados sobre o tema em análise. (figura 4)

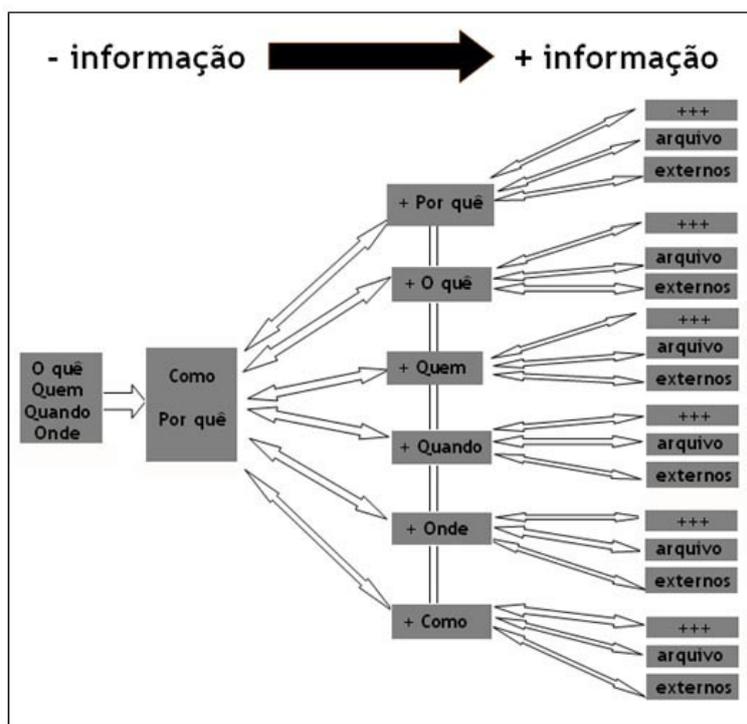


Figura 4

Embora estejam claramente definidos os níveis de informação, não há uma organização dos textos em função da sua importância informativa, mas uma tentativa de assinalar pistas de leitura.

Por aproximação à representação gráfica da técnica da pirâmide invertida, verificamos que esta arquitectura sugere uma pirâmide deitada. Tal como acontece na pirâmide invertida, o leitor pode abandonar a leitura a qualquer momento sem perder o fio da história. Porém, neste modelo é-lhe oferecida a possibilidade de seguir apenas um dos eixos de leitura ou navegar livremente dentro da notícia.

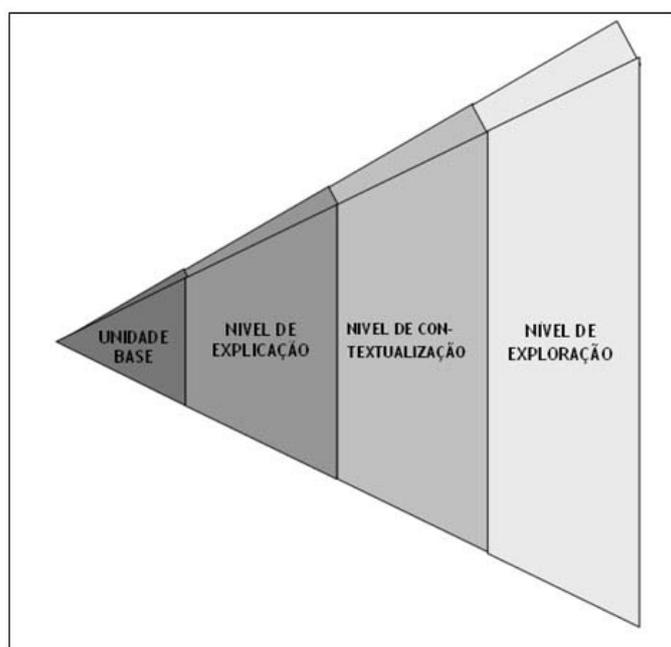


Figura 5

Propõe-se uma pirâmide deitada com quatro níveis de leitura: A Unidade Base – o lead – responderá ao essencial: O quê, Quando, Quem e Onde. Este texto inicial pode ser uma notícia de última hora que, dependendo dos desenvolvimentos, pode evoluir ou não para um formato mais elaborado.

O Nível de Explicação responde ao Por Quê e ao Como, completando a informação essencial sobre o acontecimento.

No Nível de Contextualização é oferecida mais informação – em formato textual, vídeo, som ou infografia animada – sobre cada um dos W's.

O Nível de Exploração, o último, liga a notícia ao arquivo da publicação ou a arquivos externos. “Da mesma forma que a “quebra dos limites físicos” na web possibilita a utilização de um espaço praticamente ilimitado para disponibilização de material

noticioso, sob os mais variados formatos (multi)mediáticos, abre-se a possibilidade de disponibilização online de todas a informação anteriormente produzida e armazenada, através de arquivos digitais, com sistemas sofisticados de indexação e recuperação de informação” (Palácios, 2003, 25)

Esta arquitectura exige “um novo tipo de jornalista – um profissional que tem neste tipo de trabalho uma alta percentagem de documentalista, que seja capaz de expor com eficácia o relato dos acontecimentos e os comentários produzidos nos distintos suportes possibilitados pelo ecrã do computador. (Edo, 2002, 70).

Em suma, a pirâmide deitada é uma técnica libertadora para utilizadores, mas também para os jornalistas. Se o utilizador tem a possibilidade de navegar dentro da notícia, fazendo uma leitura pessoal, o jornalista tem ao seu dispor um conjunto de recursos estilísticos que, em conjunto com novos conteúdos multimédia, permitem reinventar o webjornalismo em cada nova notícia.

6 Bibliografía

- Albertos, José Luís Martínez (2004 – 5ª edição) *Curso General de Redacción Periodística*. Madrid: Thomson Editores Spain Paraninfo
- Edo, Concha (2002) *Del papel a la pantalla: la prensa en Internet*. Sevilla: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones
- Fontcuberta, Mar de (1999) *A Notícia: pistas para compreender o mundo*. Lisboa: Editorial Notícias
- Noci, Javier Dias (2001) *La escritura digital: hipertexto y construcción del discurso informativo en el periodismo electrónico*
- Noci, Javier Díaz y Salaverria, Ramón (coord) (2003), *Manual de Redacción Ciberperiodística*. Barcelona: Ariel Comunicación

Palácios, Marcos y Machado, Elias (org.) (2003), *Modelos de Jornalismo Digital*. S. Salvador: ed. GJOL

Pinho, J. P. *Jornalismo na Internet: planejamento e produção da informação on-line*. S. Paulo : Summus Editorial

Salaverria, Ramón (2005) *Redacción periodística en Internet*. Pamplona: EUNSA

Valcarce, David P. y Marcos, José A. *Ciberperiodismo*. Madrid, Síntesis, 2004

Textos online

Canavilhas, João (2001) *Webjornalismo: considerações gerais sobre o jornalismo na web*. Em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjournal.pdf>

Darnton, Robert (1999) *The New Age of the Book*. Em <http://www.nybooks.com/articles/546>

Nielsen, Jakob (1996) *Inverted Pyramids in Cyberspace*. Em <http://www.useit.com/alertbox/9606.html>

Salaverria, Ramón (1999) *De la pirámide invertida al hipertexto*. Em <http://www.unav.es/fcom/mmlab/mmlab/investig/piram.htm>